

A representação do feminino no conto *Carolina*, de Casimiro de Abreu

La representación femenina en el cuento Carolina, de Casimiro de Abreu

Deivide Almeida Ávila

Aluno do 6º período de Letras do IF Sudeste MG, Campus São João del-Rei, Minas Gerais. Professor orientador: Ailton Magela de Assis Augusto.
E-mail: almeidavila06@yahoo.com.br

Resumo: Proponho, neste trabalho, a investigação de uma das representações literárias do gênero feminino no romantismo brasileiro. Em um período marcado por grande idealização, a figura feminina serviu de fio condutor para muitos autores, desempenhando papéis os mais diversos, aparecendo ora como personagens heroicas, ora como frágeis, ora como libertinas, entre outras imagens. A investigação aqui proposta será feita por meio da análise de traços físicos e psicológicos da personagem Carolina, que nomeia um conto de Casimiro de Abreu. Parece-me que esse escritor, em contraposição ao machismo, apresenta a mulher não como um estereótipo convencionado, mas como um ser que vive além de uma condição figurativa literária, que expressa significado. Assim, ele agrega valores e legitimidade ao gênero feminino. Para a investigação proposta, recorro aos postulados da crítica literária feminista, vertente teórica que tem entre suas práticas o exame da representação do feminino em textos literários produzidos por homens. Acompanhando as transformações das instâncias afetivas e morais de Carolina, buscarei apresentar a representação que Casimiro de Abreu faz de um estereótipo discriminado na sociedade – a prostituta, cuja condição, em alguns casos, se estabelece após a rejeição por um homem que antes havia demonstrado afetividade.

Palavras-chave: Literatura. Identidade feminina. Crítica feminista.

Resumen: Propongo la investigación de una de las representaciones literarias del género femenino en el romanticismo brasileño. En un período marcado por una gran idealización, la figura femenina sirvió como un hilo conductor para muchos autores, desempeñando funciones diversas, apareciendo ahora como personajes heroicas, ahora tan frágil, a veces tan libertinas, entre otras imágenes. La investigación aquí propuesta se hará mediante el análisis de los rasgos físicos y psicológicos de carácter de Carolina, título de un cuento de Casimiro de Abreu. Me parece que este escritor, en oposición al machismo, presenta a la mujer no como un estereotipo, sino como un ser que vive en una obra literaria, que expresa el significado figurativo. Por lo tanto, añade valor y legitimidad para el género femenino. Para la investigación propuesta, utilizaré los postulados de la crítica literaria feminista, vertiente teórica que tiene entre sus prácticas, el examen de la representación de la mujer en los textos literarios producidos por los hombres. Acompañando las transformaciones de la base moral y afectivo instancias de Carolina, procuraré presentar la representación que Casimiro de Abreu hace a un estereotipo discriminado en la sociedad - la prostituta, cuya condición, en algunos casos, si establece después del rechazo por parte de un hombre que previamente había demostrado afecto.

Palabras-claves: Literatura. Identidad femenina. Crítica femenista.

1 Introdução

Neste trabalho, buscarei analisar a representação da mulher no conto *Carolina*, escrito por Casimiro de Abreu. Para tanto, farei uma apresentação breve do autor, um apanhado sobre a crítica feminista, vertente teórica que interessa particularmente na aproximação ao possível entendimento de uma escrita sobre mulher e, por fim, me deterei sobre a personagem feminina presente no conto e as relações que ela estabelece com os homens.

2 A prosa de Casimiro de Abreu

Casimiro José Marques de Abreu (1839-1860) nasceu em Barra de São João, estado do Rio de Janeiro, mas escreveu a maior parte de sua obra em Portugal, para onde se mudou com o pai, entre os anos de 1853 e 1857. Poeta mais popular da chamada segunda geração romântica, Casimiro teve apenas um livro editado em vida – *Primaveras*, de 1859. Essa obra foi reeditada incontáveis vezes, contribuindo para a inserção do autor no cânone brasileiro, fato demonstrado pela quase onipresença de seu poema *Meus oito anos* nas antologias de versos nacionais.

Apesar dessa imagem de poeta, a obra completa do autor não se restringe às composições em verso. Ele produziu também uma cena dramática, um esquete e dois contos, além de um diário e de várias correspondências. Neste artigo, me deterei sobre o conto *Carolina*, o qual marcou a estreia do autor na imprensa lusitana, tendo sido estampado no jornal *O Progresso*, de Lisboa, nos dias 12 e 13 de março de 1856.

3 Apontamentos sobre a crítica feminista

Os estudos literários dedicados à aproximação entre a mulher e a literatura são relativamente recentes. No Brasil, tais estudos datam dos anos 70 e 80. Em seu primeiro momento, a preocupação da crítica feminista foi estudar as representações da mulher na literatura, procedendo, conforme assevera Lúcia Osana Zolin (2004, p. 170), a um “exame cuidadoso das relações de gênero na representação das personagens femininas [em textos de autoria masculina]”. Isso porque os escritores, amparados pela ampla predominância masculina nos círculos literários, retratavam as mulheres de maneira idealizada – para o bem e para o mal – criando personagens distantes da subalterna “mulher real”. A esse respeito, a crítica de literatura Ruth Silviano Brandão (1993, p. 27) comenta:

figura romântica, com as roupagens típicas da época ou imagen [sic] realista ou naturalista, inscrita num discurso médico literário, será sempre possível fazer emergir a face feminina, com valor positivo, se colada ao ideal masculino, ou negativo, se marcada pelo estatuto da diferença.

Posteriormente, os estudos de crítica feminista avançaram para a pesquisa do discurso feminino, tomando por objeto de estudo a escrita produzida por mulheres, encontrando em seus textos um novo campo de reflexões acerca da condição social da

mulher. Apesar disso, proponho uma leitura sobre a representação da mulher em um texto escrito por um homem por entender que a produção em prosa de Casimiro de Abreu não é muito comentada, sendo, portanto, pertinente supor que este trabalho se justifica por, quando menos, ajudar na divulgação de uma faceta pouco conhecida da produção desse autor do romantismo brasileiro.

Isso, claro, sem ignorar que, na literatura romântica brasileira, vários outros autores escolheram personagens femininas como tema principal de seus contos, poemas e romances, retratando-as grande idealização ao apresentar desditas amorosas ocorridas no seio da sociedade da época. Mulher anjo ou mulher demônio, a figura feminina ilustra cenas de amor idealizado, renúncias, sacrifícios, lutas e, até mesmo, a morte, sendo a principal condutora de tais emoções nas obras.

4 A representação da mulher em Carolina

Tendo feito esses breves comentários, passarei à análise da representação que Casimiro de Abreu faz da mulher em seu conto. O texto se subdivide em sete seções cujos títulos remetem a acontecimentos da narrativa, dando indícios ao leitor sobre a sua progressão. A primeira, intitulada “Adeus!”, mostra uma conversa entre os personagens Augusto e Carolina, os quais são apresentados pelo narrador como sendo um lindo par:

ele, belo com essa beleza que distingue o homem; ela, bela com essa beleza que Deus dá só às mulheres! Ai! Um sorriso que se desprendesse dos lábios formosos daquela virgem, mataria de amores um homem! Um olhar meigo e terno que brilhasse por entre aquelas pestanas aveludadas venceria o mundo! (ABREU, 2010, p. 316)

A interjeição e as exclamações usadas ao final de cada frase exaltam a beleza feminina e reforçam a representação idealizada da mulher como entidade capaz de mover a narrativa e de determinar o destino dos homens.

O encontro acontece em um ambiente propício ao idílio amoroso, o casal está cercado de belezas. Há apenas uma dissonância: Augusto está de partida e aquele era o último encontro antes da viagem, era a despedida. Carolina fica triste por não acreditar nas palavras de seu amado que promete enviar suspiros pelas brisas do mar e retornar em breve, cantando uns versos para que ela saiba que ele regressou.

A seguir, sob o título “Caiu!”, o leitor é conduzido de volta ao cenário do encontro anterior. Fazia seis meses que Augusto havia partido e Carolina, saudosa e vulnerável por conta da ausência de Augusto, aparece enamorada de outro, Fernando, em quem vê a solução para sua saudade e um caminho para a realização de seus devaneios amorosos.

O narrador não se exime de comentar a cena, reforçando o impacto da ação feminina sobre o homem e, ainda, prenunciando a queda que fará de um anjo uma libertina, julgando-a em consonância com as convenções da época:

Ah! mulher! mulher! que tão cedo esqueceste o homem que te votou o amor mais ardente de sua alma! Esse homem a quem juraste vir aqui todas as tardes escutar o suspiro saudoso, que ele te havia de enviar nas asas da viração!...

Ah! mulher! mulher! que tão depressa esqueceste um homem que te ama, para ouvires os galanteios doutro que te cobiça!... Deixas adormecida em teu peito a imagem daquele por quem teu coração novel bateu as primeiras pulsações, ao mesmo tempo tímidas e suaves, e não te lembras que esse homem virá um dia, implacável como o destino, terrível como o raio, pedir-te o cumprimento das juras que lhe fizeste; exigir-te contas do seu amor, que tu escarneceste; das suas crenças, em que tu cuspieste; da sua alma, que tu assassinaste!... (ABREU, 2010, p. 317-318)

Ignorando as reais intenções de Fernando, esquecida do amor que Augusto lhe votava e sem ser participada da censura do narrador, Carolina decide entregar-se ao novo amante. Este, então, arrancou “a coroa de virgem que lhe circundava a fronte como uma auréola brilhante” e “calcou-a aos pés” (ABREU, 2010, p. 319).

O terceiro momento da narrativa recebe o título de “A volta”. Aí é relatado o regresso de Augusto, quem vai à casa de Carolina à sua procura. O cenário mudou, a exemplo da jovem que perdeu sua pureza. Antes era “[...] uma casa de bonita aparência, com sua vinha verdejante, seu pomar odorífero, seu jardim pequeno, mas bonito, suas alamedas, curtas mas frondosas” (ABREU, 2010, p. 315), e quando Augusto regressou em seu encalço, “ai! Já não era a mesma quinta bela e verdejante, que ele tinha deixado na primavera! O inverno havia-a transformado horrivelmente” (ABREU, 2010, p. 320).

A mudança devia-se a que a casa fora abandonada. Uma vizinha passa e conta a Augusto que Carolina havia fugido e que, desgostosos, seus pais abandonaram a propriedade. A natureza, espelho das emoções humanas, refletia a triste história. A horrível transformação que a paisagem sofrera era comparável à da jovem que entregou a Fernando sua virgindade.

“O mundo!”, quarta parte do conto, mostra Lisboa, onde Carolina passou a residir. Três anos se passaram. A cidade, com repetição do recurso de fazer do ambiente um espelho das personagens, é descrita em cores fortes. É, porém, o local adequado para aquela moça:

Lisboa—a ufana—curvada graciosa para o Tejo, que lhe beija as plantas, oferecia alegre as suas torres, seus palácios, suas praças, suas ruas, aos raios ardentes desse astro vivificador.

Entranhemo-nos por essa Lisboa, labirinto como tantos outros que se chamam Paris, Londres, etc. Vereis por toda a parte desonra, infâmia, crime! Vereis a virtude esmagada pelo vício! Vereis a par da mais deslumbrante opulência, a mais horrível miséria! Vereis o pobre ajuntar as migalhas dos festins e das orgias do rico! Vereis desacatada a religião, profanado o templo, insultado o Cristo!

— E vive-se nesse inferno?! perguntareis vós.

— Vive-se sim, porque esse abismo alcatifado de flores, tem uma atração a que ninguém resiste. Vive-se sim, porque aí pode o malvado esconder a fronte criminosa no meio da multidão, que se agita e ruga como o oceano em um dia de cólera. *Vive-se sim, porque a mulher, que o mundo perdeu, pode aí facilmente furtar-se à vista daqueles, que a conheceram no seu tempo de candura e d'inocência.* (ABREU, 2010, p. 322-323, grifo meu)

Carolina, que antes teve a beleza que só Deus dá às mulheres, tornou-se uma mulher pálida, de olhar perdido, que parece repassar mentalmente toda sua vida. Por ter cedido aos apelos de um amante que só tinha em vista satisfazer aos desejos da carne, ela é agora uma prostituta, alvo de escárnios e insultos. O fato de ter sido enganada não diminui o peso do julgamento da sociedade, e seu destino é o retrato de uma época cheia de conservadorismo e tabus sexuais.

Nessa seção do texto, o autor retrata o tema da prostituição, dando a conhecer as consequências que o modelo patriarcal e machista reservava para a mulher que desviasse da conduta esperada – ela seria jogada ao mundo, indo viver em ruas estreitas, sujas e sinuosas, com prédios escuros que exalam odores insuportáveis, lugares onde tudo exala a bacanal e depravação:

não vedes essas mulheres, que nos atraem com seus olhares voluptuosos, seus sorrisos de amor, seus requebros lascivos? São mulheres perdidas. Coitadas! Arrojaram-nas nesse abismo de devassidão, e não há mão, que as salve! Hão de morrer revolvendo-se nesse lodaçal imundo! (ABREU, 2010, p. 323)

Estando nesse abismo de devassidão, Carolina representa as mulheres que passavam pela mesma situação. O narrador atribui a responsabilidade por essa situação ao mundo, uma estratégia que, preservando a idealização histórico-cultural que pairava sobre a mulher, lhe permite, de algum modo, criticar a postura de uma sociedade preconceituosa em relação aos papéis que cabiam ao gênero feminino.

A quinta seção, intitulada “Deus”, mostra o reencontro de Carolina e Augusto. Este havia sido levado por Fernando ao sobrado onde ela estava vivendo, sem saber que seu amigo é quem havia contribuído para a desdita da moça. Carolina se joga aos pés do amado e pede perdão, acusando Fernando por tê-la levado à perdição. Na sequência, a moça desmaia e o seu algoz, vítima de uma apoplexia fulminante, morre aos pés dela, demonstrando a atuação da justiça divina, outra representação romântica.

O título seguinte, “Perdão!”, nos faz pensar que o amor venceria, porque Augusto, mesmo depois de traído por Carolina e pelo amigo Fernando, retorna ao local de tão dramáticos acontecimentos. Este é um personagem masculino cujo comportamento destoa do esperado. Apaixonado, ele reforça a postura de culpar ao mundo pelos desvios da jovem, mostrando-se disposto a perdoá-la:

Compreendo-te, Carolina; tu ainda me amas e receiavas [sic] que eu te repelisse agora que estás manchada, quando te havia deixado pura. Não, não! não te repilo, porque o meu coração bate da mesma maneira que batia há quatro anos; porque para mim sempre serás a mesma Carolina virgem, inocente, que eu

respeitei como irmã; porque terias de mim o perdão voluntário dessas faltas que o mundo te fez cometer. (ABREU, 2010, p. 327)

A decisão de Augusto, outra possível reprovação aos ditames da sociedade, não basta, porém, para diminuir a culpa que Carolina sente. Tampouco é suficiente para mudar o desfecho de sua relação com a jovem, visto que ela, sem saber de suas intenções, abandona a casa onde estava e lhe deixa apenas uma carta com um pedido de perdão. É interessante notar que, por meio dessa carta, reproduzida na narrativa, é dada uma mínima voz à figura feminina. Na carta, a moça volta a repetir os motivos de sua conduta e o medo do que as pessoas pensariam dela:

Tremia diante da minha família, tremia diante de Deus, tremia diante de tudo!
Era culpada!
[...]

Para onde havia de ir? Para casa de meus pais? Eles fechariam a porta à filha indigna que lhes manchara o nome. Não tinha coragem bastante para suicidar-me... arrojé-me no abismo!...

Mas todas as noites pedia a Deus nas minhas orações, que te pudesse ver ainda uma vez antes de morrer, a ti, o único que tenho amado. Deus ouviu-me, Deus puniu Fernando.

"Adeus! parto para longe de ti; nunca mais me verás. Não, nunca mais, porque é impossível que o coração de um homem possa amar a mulher que o traiu. (ABREU, 2010, p. 328)

O texto se encerra com uma seção intitulada "A última hora", que mostra a agonia de Carolina no leito de morte. Usando a voz do padre que foi tomar a última confissão à moribunda, o autor sentencia: "– Morreu! disse ele enxugando uma lágrima, ainda tão jovem! *Foi o mundo que a matou*" (ABREU, 2010, p. 330, grifo meu).

O desfecho da história, com a morte inevitável da heroína, revela a impossibilidade do amor de Augusto e Carolina após a falta cometida por ela. Isso mostra o quanto o julgamento da sociedade contribuiu para tal estado de coisas, visto que nenhuma pessoa, nem mesmo o apaixonado Augusto, poderia salvá-la, pois era escrava da opinião alheia, que ditava regras e costumes.

Valendo-se de um narrador onisciente, Casimiro de Abreu evoca na obra o respeito ao ser humano, expressando-se como um entendido nas leis do coração e criticando o meio social com a articulação de alguns comentários ao longo de seu relato. Poder-se-ia dizer que o autor levou para dentro do conto seus próprios pensamentos acerca do tema retratado, mostrando-se convicto de que a sociedade não estaria apta ao julgamento de tal situação. É interessante notar a forma de pensar de Augusto, um homem que pensa diferente de seu meio e cuja conduta ensinaria aos leitores que o verdadeiro homem ama com convicção e, por isso, poderia perdoar sem julgar a mulher.

Apesar desses elementos que permitem inferir uma crítica do autor à sociedade, ele não interviu na forma de pensar da personagem Carolina, a protagonista, replicando uma imagem de mulher como alguém à mercê dos pensamentos de uma sociedade machista.

5 Considerações finais

Eis a leitura que empreendi do conto *Carolina*, do escritor Casimiro de Abreu. O fato de ter sido escrito por um homem, em meados do século XIX, e de apresentar temas relacionados à condição feminina permitiu uma abordagem desse texto à luz da crítica feminista, campo de estudos que se volta à investigação das representações do feminino em obras literárias.

No intuito de apresentá-la, me detive sobre alguns fragmentos do conto que mostram como a mulher era tratada, o tipo de expectativas que a sociedade nutria em relação a ela e como isso impactava em sua conduta. Casimiro de Abreu confronta uma mulher cujas ações atendem a tais expectativas a um homem apaixonado que, pensando diferente, dá indícios de que tal estado de coisas seria passível de contestação.

Para encerrar, deixo um convite para que mais pessoas tomem contato com as obras menos comentadas de Casimiro de Abreu, a fim de conhecer outros temas abordados pelo autor das *Primaveras*.

Referências

ABREU, Casimiro de. *Obra Completa*. Organizada e comentada por Mário Alves de Oliveira. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial/Academia Brasileira de Letras, 2010.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura/Editora da UFMG, 1993.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica Feminista. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2004. p. 161-183.